

DA ORDEM DA NATUREZA AO RETORNO ÀS PAISAGENS AMAZÔNICAS
**Oficina de arquitetura da paisagem como estratégia de ensino-aprendizagem do
processo de projeto**

SESSÃO TEMÁTICA: PROCESSOS FORMATIVOS SOBRE A PAISAGEM
CATEGORIA: ARTIGO ACADÊMICO CIENTÍFICO

Rachel Sfair Ferreira Benzecry/UFPA/rachelsfair@ufpa.br
Arthur Queiroz Moreira/UFPA/aqueiroz42@gmail.com
Rafaela Silva dos Santos/UFPA/rafa.arquitetura33@gmail.com
Sebastião Gabriel Guimarães Ferreira/UFPA/gmrssebastiao@gmail.com

RESUMO

O tema deste artigo surgiu de uma inquietação sobre a relação entre teoria e prática no ensino-aprendizagem em arquitetura da paisagem. Este artigo apropria-se de base teórica, mas também empírica, a partir de experiências em ensino, pesquisa e extensão em 2023. Primeiramente, apresentam-se algumas considerações sobre o ensino de paisagismo na Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da UFPA. Em seguida, apresenta-se a oficina de arquitetura da paisagem como recurso metodológico que usa a teoria como instrumento da prática do processo de projeto. Discute-se como problema a necessidade do debate das ideias, pautado na teoria e na prática aplicadas à variedade das paisagens amazônicas. A partir de um estudo teórico-empírico a ser realizado, o objetivo do trabalho é apresentar as oficinas desenvolvidas durante e depois da disciplina de Paisagismo, com o intuito de enfatizar o papel didático da oficina em arquitetura da paisagem como incentivo à discussão teórica, à estética, à relevância social, ao aspecto formal e construtivo da obra paisagística, inserindo o aluno em uma prática projetual – na Amazônia brasileira – que respeite a diversidade ambiental, cultural, histórica e social. Como principal resultado, observou-se a indissolúvel relação entre teoria e prática no ensino-aprendizagem do processo de projeto a partir dessas oficinas.

PALAVRAS-CHAVES: Amazônia; arquitetura da paisagem; processo de projeto.

ABSTRACT

The theme of this article emerges from a concern about the relationship between theory and practice in teaching and learning landscape architecture. This article draws on both theoretical and empirical foundations, based on experiences in teaching, research, and extension activities in 2023. Firstly, some considerations about the teaching of landscaping at the Faculty of Architecture and Urbanism of UFPA are presented. Next, the landscape architecture workshop is introduced as a methodological resource that uses theory as an instrument in the practice of the project process. The need for the discussion of ideas, grounded in theory and practice applied to the variety of Amazonian landscapes, is addressed as a problem. Through a theoretical-empirical study to be conducted, the goal of the work is to present the workshops developed during and after the Landscaping course, aiming to emphasize the didactic role of the landscape architecture workshop as an incentive for theoretical discussion, aesthetics, social relevance, and the formal and constructive aspects of landscape works. The objective is to engage students in a design practice – in the Brazilian Amazon – that respects environmental, cultural, historical, and social diversity. The main result observed is the inseparable relationship between theory and practice in the teaching and learning of the project process through these workshops.

KEYWORDS: Amazon; landscape architecture; project process.



1 INTRODUÇÃO


De acordo com Santos (1988, p. 21) paisagem consiste em “tudo aquilo que nós vemos, o que nossa visão alcança [...]” e é formada, por exemplo, por volumes, movimentos, odores, cores e sons. Segundo Dollfus (1972, p. 8), em seu sentido mais amplo, “o espaço geográfico é um espaço mutável e diferenciado, cuja aparência visível é a paisagem”. De um jeito ou de outro, a paisagem contém elementos naturais e artificiais que estão em contínua transformação ao longo do tempo. A cada período histórico, essa paisagem se modifica, isto é, alguns elementos permanecem, outros desaparecem e outros novos surgem. E, dessa forma, essa permanente mudança corrobora para uma arquitetura da paisagem interdisciplinar, já que atua sobre uma paisagem heterogênea, formada de idades e relações sociais diferentes.

O desenvolvimento atual da disciplina em arquitetura da paisagem está a exigir uma urgente explicitação dessa área de conhecimento, pois o seu ensino-aprendizagem não pode se contentar em ser apenas crítico da história do paisagismo ou do desenvolvimento de projetos de paisagismo pautados em escolhas estéticas do projetista. Para contribuir para o avanço do conhecimento da arquitetura da paisagem na Amazônia brasileira, desejamos, não só, de maneira modesta, reconhecer uma linha de reflexão metodológica a partir do papel didático da oficina de arquitetura da paisagem como incentivo à discussão teórica, estética, formal, mas também a relevância social e construtiva da obra paisagística, de maneira que o ensino-aprendizagem dessa disciplina atue de forma interdisciplinar e crítica, contendo elementos discursivo e analítico, para melhor pautar o processo projetual desse campo de conhecimento.

A disciplina de Paisagismo, por ocorrer no curso de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal do Pará (UFPA) no oitavo semestre, busca a compreensão teórico-conceitual das questões relativas à arquitetura da paisagem, em contexto internacional, nacional, regional e a sua prática, através da oficina de arquitetura da paisagem, inserida, em grande parte, no próprio contexto da Cidade Universitária, localizada, no bairro do Guamá, em Belém do Pará. Esse campus, inserido na Amazônia brasileira, é um território paisagisticamente rico em cultura e biodiversidade, localizado às margens do Rio Guamá, entrecortado por igarapés e emoldurado por uma variedade de vegetação nativa. Essa grande diversidade, cultural e natural, é um dos motivos pelos quais a prática projetual, a partir da oficina em arquitetura da paisagem, é um esforço não só para salvaguardar a identidade de uma dessas paisagens amazônicas, mas também para buscar soluções projetuais adequadas ao lugar.

Dentro desse contexto, ao longo do ano de 2023, foram desenvolvidas seis oficinas em arquitetura da paisagem: cinco delas dentro do campus da Cidade Universitária da UFPA, das quais duas estão inseridas no projeto de extensão intitulado “Laboratório de Urbanismo, Paisagismo e Percepção Sensorial: suporte à criação de sistema de espaços de convivência e de soluções baseadas na natureza para o Campus da Saúde”. A sexta oficina foi realizada no distrito de Mosqueiro, ilha que faz parte do município de Belém.

Nessas oficinas, considerou-se essencial que, a partir do estudo teórico-empírico realizado, as paisagens amazônicas e suas diversas partes fossem vistas de forma articulada e que a valorização dos traços fisionômicos, tanto do edifício isolado como do espaço livre de construção pudessem garantir uma qualidade de urbanidade e de pertencimento aos



moradores belenenses e, em específico, aos usuários da área do campus da Cidade Universitária da UFPA.

Em fase do exposto, o objetivo do artigo é apresentar as oficinas desenvolvidas durante e depois da disciplina de Paisagismo, com o intuito de colocar em ênfase o papel didático da oficina em arquitetura da paisagem como incentivo à discussão teórica, estética, formal e construtiva da obra paisagística, inserindo o aluno em uma prática projetual na Amazônia brasileira, que respeite a diversidade ambiental, cultural, histórica e social.


Assim sendo, é oportuno destacar que a parte dois desse artigo aborda considerações sobre o ensino da arquitetura da paisagem em geral na disciplina de Paisagismo da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal do Pará (FAU/UFPA), enquanto a parte três busca sugerir a oficina em arquitetura da paisagem como uma linha de reflexão metodológica útil a um paisagismo crítico e interdisciplinar peculiar das paisagens amazônicas.

2 ALGUMAS CONSIDERAÇÕES SOBRE O ENSINO DA ARQUITETURA DA PAISAGEM

Esta parte não tem a intenção de fornecer uma análise da situação atual do ensino em Paisagismo da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da UFPA, ou mesmo para a região Norte, situação em que só um debate coletivo pode instruir, mas de tratar sobre o desenvolvimento do ensino-aprendizagem em Paisagismo no ano de 2023, no qual a oficina em arquitetura da paisagem se insere. Dessa forma, a discussão ampla dos aspectos trabalhados em sala de aula e na oficina em arquitetura da paisagem deu forma material para este artigo.

O primeiro contato dos alunos com a disciplina de Paisagismo ocorre no oitavo semestre do curso de Arquitetura e Urbanismo. Busca-se entender nesse primeiro momento o que os alunos entendem por arquitetura da paisagem e quais as expectativas em relação à disciplina. Observou-se um ponto constante nessas respostas: a ideia de que a arquitetura da paisagem trata primordialmente da inserção de espécies vegetais nas áreas projetadas. Considerando-se as primeiras impressões dos alunos quanto a essa disciplina, em 2023, optou-se por trabalhar com esses entendimentos ao longo do semestre, para que os próprios discentes pudessem responder novamente a essa primeira indagação em relação a esse campo disciplinar e profissional. Após essa prévia de entendimentos e expectativas em relação à disciplina, iniciou-se uma imersão na ação projetual, nas escalas e tamanhos, buscando-se o entendimento de que a ação projetual não é estática, mas dinâmica e que, segundo Steinitz (2009), tamanho e escala são partes fundamentais dessa ação projetual.

Com o desenvolvimento da disciplina, analisou-se com os alunos que, no Brasil, os termos paisagismo, arquitetura paisagística e arquitetura da paisagem são genericamente equivalentes ao termo *landscape architecture*. E que este último, adotado oficialmente em 1858, pelo norte-americano Frederick Law Olmsted refere-se ao “projeto da paisagem”. A partir desse momento buscou-se compreender o nascimento desse profissional de *landscape architect*, a evolução do conceito de paisagem ao longo do tempo e, também, com o auxílio de alguns autores, como Magalhães (2001), o entendimento da importância do conceito de arquitetura paisagística, para a compreensão da construção da paisagem tendo em vista o seu desenvolvimento sustentável.



Em sequência, com o auxílio de Panzini (2013), Macedo (1999) entre outros, apresentou-se um panorama geral da história da arquitetura da paisagem, desde as origens até a contemporaneidade, no Brasil e no mundo, entendendo por um lado “[...] como o homem moldou o ambiente natural [...]” (Panzini, 2013, p. 16) e, por outro, continuidades e rupturas nas soluções formais compositivas e repertórios vegetais. Quanto à vegetação, resgatou-se o entendimento de que paisagismo, por ser uma intervenção planejada em diversas escalas na paisagem, o uso da vegetação como elemento construtivo deve contribuir para reforçar a identidade dos espaços projetados (Malamut, 2014).

A partir dessas informações, iniciou-se a prática, na oficina de paisagismo, refletindo-se sobre a estruturação funcional e a formal para determinadas porções do espaço, pertencentes ao campus da Universidade Federal do Pará (UFPA), onde cada um deles, por possuírem necessidades diferentes, geraram programas diferentes. Nas primeiras visitas de campo, ouviram-se os usuários e perceberam-se suas aspirações e necessidades, para se entender com esse diálogo, por exemplo, o modo como esses usuários vivenciavam e se movimentavam nesses mesmos espaços. A partir desse momento, iniciou-se a compreensão de como esses espaços físicos estão estruturados, tanto funcionalmente quanto formalmente, e como, ao longo das fases do projeto, essas estruturas vão ser repensadas, levando em consideração a identidade de cada um desses lugares.

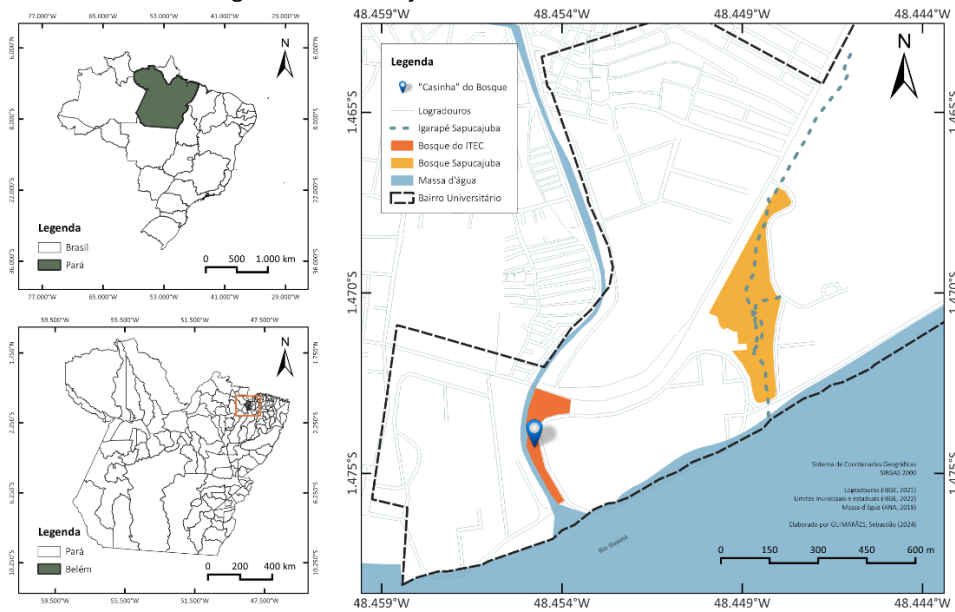
Os trabalhos efetuados na disciplina de Paisagismo, em parte desenvolvidos na oficina em arquitetura da paisagem, tem-se caracterizado como uma prática extensionista, a fim de conectar alunos e sociedade, mas também como um produto de natureza multidisciplinar, à medida que se integra com outras disciplinas – como as de Projeto Arquitetônico e Urbanístico – e, também, com outras áreas do conhecimento em diversas ações de pesquisa e extensão.

Atualmente, diversos autores, como Romero (2001), consideram que a degradação da qualidade ambiental nas cidades é um dos maiores desafios socioambientais. No processo de construção de cidades sustentáveis a arquitetura da paisagem contribui para o resgate de melhores condições de vida. No final, buscou-se reforçar a ideia de que a arquitetura da paisagem, mais do que uma expressão, é um modo de olhar, compreender e intervir na paisagem, respeitando-se seus aspectos físicos, ambientais e socioculturais.

3 A OFICINA DE PAISAGISMO COMO ESTRATÉGIA DE ENSINO-APRENDIZAGEM

No ano de 2023, durante o período em que foi ministrada a disciplina de Paisagismo (ofertada regularmente aos discentes do oitavo semestre do curso), foram realizadas, pela primeira vez e de forma experimental, três oficinas dentro do campus da Cidade Universitária da UFPA, em Belém (figura 1). Além dessas oficinas, outra foi realizada no distrito de Mosqueiro, onde essa prática já ocorrera em períodos anteriores.

Figura 1 - Localização da UFPA e locais de oficinas.



Fonte: Autoria própria, 2024.

Participaram dessas oficinas, cujo objetivo principal era a compreensão da relação entre teoria e prática do ensino projetual em arquitetura da paisagem, alunos do período matutino e vespertino da instituição. Ao término das atividades, devido aos bons resultados dos trabalhos entregues pelos alunos da disciplina, foi possível realizar mais duas oficinas de extensão, que foram liberadas para os demais discentes da FAU/UFPA, com emissão de certificados para os participantes. O conteúdo de cada uma dessas oficinas será descrito a seguir.

3.1 Oficina de diagnóstico na área do Igarapé¹ Sapucajuba

Durante as oficinas realizadas no ano de 2023, os alunos tiveram como objeto de estudo a região do Igarapé Sapucajuba, uma área que se encontra dentro do Setor de Saúde da UFPA, atualmente atendida por um projeto de extensão que envolveu várias frentes de trabalho, justamente por se tratar de um perímetro que necessitava de certas intervenções, devido aos grandes problemas que a envolvem. Cabe lembrar que a Cidade Universitária está inserida em uma região de mata, na qual se encontra uma infinidade de espécies de animais e plantas.

Ademais, devido às ações antrópicas por parte do poder público, com obras de infraestrutura de pavimentação e macrodrenagens na cidade, e à poluição gerada pela ocupação de moradores ao longo da Avenida Perimetral, o leito do igarapé foi contaminado e modificado em seu percurso. Nesse sentido, a implementação de infraestrutura sem o devido cuidado comprometeu trechos do caminho por onde a água do igarapé perpassava, invisibilizando parte do curso d'água. Somado a isso, a falta de acesso à rede pública de esgoto e ao saneamento básico dos moradores nas proximidades do Sapucajuba colabora para a produção de grande parte da poluição encontrada no rio. Como consequência do descaso de décadas com essa

¹ Termo amazônico de origem indígena. É um curso d'água constituído por um braço de rio, comumente caracterizado por sua baixa profundidade e seu percurso estreito por dentro das matas. Acessível somente por embarcações pequenas como canoas, por exemplo.

região, além da poluição das águas, ocorreu o alagamento de áreas, o que criou o ambiente propício para o surgimento vetores de doenças.

O objetivo dos docentes quanto à escolha desse local, que foi estudado ao longo da disciplina, foi, além da troca de conhecimento multidisciplinar, proporcionar aos alunos uma maior clareza sobre como os conhecimentos teóricos, aprendidos em sala de aula, aplicam-se na prática.

O primeiro momento da oficina, realizado no dia 20 de abril de 2023, teve como intenção fazer o diagnóstico da área, quando os discentes puderam observar o terreno e as vegetações que se desenvolveram na região do Sapucajuba. Essa ação contou com a colaboração dos professores da disciplina e com o apoio da técnica administrativa da UFPA Gina Calzavara, responsável pelos bosques da UFPA e cuidadora do local, que mostrou aos alunos o trabalho que tem realizado ali, como tentativa de preservar o meio natural existente. Assim, os alunos puderam compartilhar ideias para o projeto que foi desenvolvido em sala de aula, além de terem constatado “in loco” a real situação do entorno, adquirindo base adequada para o desenvolvimento de programas de necessidades prévios. Observou-se que a oficina foi fundamental para o desenvolvimento do projeto que os discentes desenvolveram ao longo do semestre, pois “tinham em mãos” um objeto de estudo com problemáticas e necessidades reais. Além disso, os próprios alunos eram usuários do local, por se tratar de uma área dentro do campus universitário, o que fez com que tivessem uma dimensão mais próxima de um projeto real, com usuários e problemas não fictícios.

3.2 Oficina em Mosqueiro

A segunda oficina da disciplina, objetivando criar repertório de espécies vegetais nativas da Amazônia e compositivas para os futuros projetos paisagísticos, foi realizada durante o dia 6 de maio de 2023, a partir da visita ao jardim “Paraíso Verde”, localizado a 70 Km de Belém, na Ilha de Mosqueiro (Figura 2). Idealizado e mantido pelo agrônomo e paisagista Natalino Correa há cerca de 25 anos, o espaço conta com uma infinidade de espécies e cultivo de plantas, além de ornamentações e criatividade na composição do espaço como um todo. Esse profissional desenvolveu suas habilidades nos anos em que trabalhou ao lado de Burle Marx, famoso paisagista moderno brasileiro. Esse jardim se tornou um grande destaque na região.

Figura 2: Visita ao jardim “Paraíso Verde”



Fonte: Jorge Eiró, 2023. Rafaela Santos, 2023.



A visita contou com cerca de 30 alunos, todos discentes da disciplina de Paisagismo, os quais puderam contemplar as inúmeras espécies de plantas nativas cultivadas e também outras que melhor se adaptaram ao local, que serviram como inspiração e referência para desenvolvimento das atividades práticas da disciplina de Paisagismo realizadas em sala de aula.

3.3 Oficina de intervenção paisagística na “Casinha do Bosquinho” da UFPA

A Universidade Federal do Pará (UFPA), com cerca de 450 hectares de área, é localizada na região meridional da cidade de Belém, às margens do Rio Guamá. Em toda a sua extensão, a UFPA não é unicamente composta por prédios institucionais ou campos a céu aberto. Nela se encontram, também, bosques nos diversos pontos do campus, que servem como laboratórios a céu aberto para se ministrar aulas, realizar oficinas, promover o cuidado com o meio ambiente e cultivar espécies amazônicas para pesquisa. Devido a essa variedade de ações, a turma da disciplina de paisagismo no dia de 31 de maio de 2023, foi convidada para realizar uma intervenção paisagística na “Casinha do Bosquinho” da UFPA, um marco visual para os alunos que percorrem o Bosquinho da UFPA.

Esse convite foi feito pela coordenadora dos Bosques Gina Calzavara, que compartilhou com os discentes a importância desta pequena edificação para os Bosques da UFPA e da reutilização de material descartado pelo campus. Essa “casinha” teve a sua estrutura montada em 2019 com madeiras encontradas pelo campus. Em sua cobertura foram usados restos de telhas Brasilit das antigas passarelas, as paredes são de tábuas de madeira e o forro é em pvc. Além disso, em suas telhas foram adicionadas terra e plantas para um estudo sobre telhados verdes.

Ao seu redor foram colocadas mesas e cadeiras das salas de aulas, que servem como ponto de encontro entre estudantes e para atividades de aulas ao livre. Além disso, a casinha atrai a atenção de crianças e jovens que a usam para tirar fotos e brincar. Esse espaço de socialização é utilizado, também, para transmitir mensagens para a comunidade universitária, com a colocação de faixas de conscientização sobre a saúde mental no campus universitário e, em período pandêmico, as mensagens eram de alerta sobre a prevenção da Covid-19.

Buscando dar novos significados para esse espaço de convivência, foi solicitado à turma de Paisagismo auxílio para que fosse modificada a paisagem da “casinha” e seus arredores, com tintas, seixos, corpos de prova, jornais e outros materiais, todos adquiridos por meio de doação dos departamentos da Universidade. Os discentes foram incentivados a pensar em como lidar com um espaço de um bosque em meio universitário e, por meio da arquitetura da paisagem, a trabalhar evocando a subjetividade que a edificação carrega consigo, intensificando o acolhimento e a conscientização ambiental, como forma de convite para vivenciar um espaço inserido em um ambiente amazônico. Nesse sentido, Nogué (2007, p.12) afirma que “paisagem contribui a naturalizar e normalizar as relações sociais e a ordem territorial estabelecida”, não retratando apenas a cultura, mas os produtos sociais que são gerados a partir dela.

Com isso, buscou-se ensinar, de forma prática, alguns elementos da arquitetura da paisagem necessários aos projetos, tais como, composição de volumetria e cores, uso de espécies vegetais diversas, aclimatizadas, e de material disponível no local, propondo-se, assim, soluções de baixo custo e a transformação do que seria descartado em um elemento que agregue novas funções.

Utilizou-se, também, de diversas técnicas artísticas como a pintura, origami, colagem e “lettering” para integrar o aspecto estético e simbólico da edificação (Figura 3).

Figura 3: Discentes da disciplina de Paisagismo atuando na revitalização da Casa do Bosquinho.

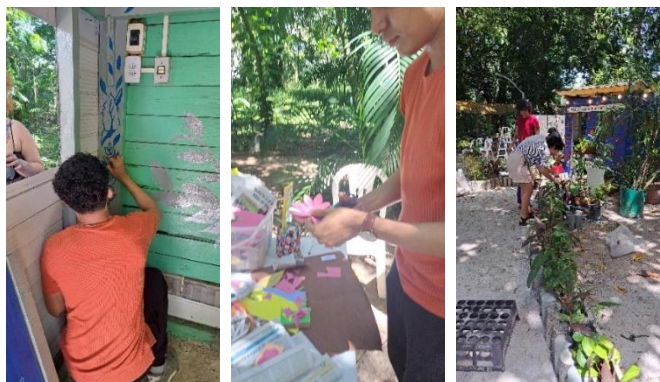


Foto: Arthur Moreira, 2023.

Após a finalização da oficina, foi perceptível a mudança gerada na paisagem do bosquinho e a forma como a comunidade passou a interagir com o local, reconhecendo-o como espaço de convivência, ensino, pesquisa e extensão da Universidade (Figura 4). Essa abordagem realizada nesse espaço está de acordo com o pensamento de Nogue (2008), segundo o qual a paisagem não é só constituída pela sua dimensão física, mas também pela sua dimensão perceptiva, cultural e subjetiva que possibilita que a população crie vínculos e se sinta pertencente ao local.

Figura 4: Casinha do Bosquinho: A) Antes da Revitalização. B) Após a Revitalização.



Foto: Gina Calzavara, 2023. Arthur Moreira, 2023.

3.4 Oficina de levantamento florístico para a área do Igarapé Sapucajuba

Devido à área do projeto estar dentro dos limites da Universidade, as visitas ao Sapucajuba puderam ser frequentes. Logo, ocorreu a possibilidade de se realizar de forma prática algumas etapas do pré-projeto paisagístico, como o reconhecimento e a localização das espécies de árvores e de palmeiras do local. Assim, o levantamento florístico passou a ser efetuado pelos discentes da disciplina, pela professora, por uma engenheira florestal e por uma equipe de jardinagem disponibilizada pela prefeitura da UFPa. As visitas ao perímetro do Sapucajuba foram realizadas durante o mês de junho, sendo que quatro dessas visitas ocorreram em dias diversos com alternância de turnos.

As primeiras instruções para os alunos foi a forma como deveriam estar paramentados para a atividade, ensinando-os a se apresentarem com botas de cano alto, calças de tecido mais grosso,

protetor solar, bonés e mangas compridas, equipamentos padrões para se realizar uma visita em meio a mata densa. Iniciando o processo, a engenheira florestal realizou a catalogação das espécies, ensinando como identificar espécies vegetais por meio do tipo de tronco, raízes aparentes, folhagem, bem como a anotar, seguindo uma numeração fixada na planta, características da copa, diâmetro, disposição no espaço. Além dessa catalogação das espécies, foi realizada com uma trena a medição da distância de uma árvore para outra, para que no projeto pudesse estar mais de acordo com a realidade possível do espaço (Figura 5).

Figura 5: Levantamento Florístico.



Foto: Arthur Moreira, 2023.

Além do levantamento florístico, os alunos foram divididos em grupos para que todos pudessem fazer outros reconhecimentos do local, o que resultou em relatórios sobre a morfologia do rio, reconhecimento de espécies amazônicas, desenhos sobre a paisagem, levantamento dos mobiliários, existentes ao longo do espaço. Observou-se, também, como os usuários interagem com o local, as áreas sombreadas, a iluminação solar direta. Foram realizadas, também, entrevistas com os transeuntes, com o objetivo de entender a percepção que tinham sobre o espaço. Esses reconhecimentos foram usados na elaboração do projeto básico para a área em estudo.

Por outro lado, viabilizou-se aos discentes a sensibilização para a diversidade de espécies que se desenvolvem em ambiente amazônico, ao passarem a notar que a paisagem da área do igarapé do Sapucajuba não é só uma massa verde e marrom, mas um espaço rico de possibilidades, saberes e vida, sendo um método prático em uma disciplina para se combater a cegueira botânica².

3.5 Oficina no jardim da FAU/UFPA

Com o interesse despertado pelas oficinas, os integrantes da turma e a professora sentiram a necessidade de continuar o aprendizado dessas práticas para além da disciplina. Assim, surgiu a ideia de se organizar uma oficina para a revitalização do jardim interno do prédio da FAU/UFPA, aberta para os discentes de todos os semestres que tivessem interesse em dela participar. Dessa forma, seguindo os mesmos preceitos desenvolvidos ao longo da disciplina de Paisagismo,

² Cegueira botânica é a “[...] dificuldade de perceber as plantas no seu cotidiano; enxergar as plantas como apenas cenários para a vida dos animais; ignorar a importância das plantas nas atividades diárias; não perceber a importância central das plantas para os ciclos biogeoquímicos [...]” (Katon; Towata; Saito, 2013, p. 179).

dialogou-se com outros institutos para se fazer o recolhimento de materiais que seriam descartados nesses institutos, objetivando o desenvolvimento de um projeto paisagístico que integrasse os alunos, servidores e professores com o espaço, fazendo-os se sentirem pertencentes ao local e, também, aliar a teoria desenvolvida em sala de aula com a prática apreendida nas oficinas.

A oficina ocorreu em dois dias, 26 e 27 de setembro, com 21 inscritos. No primeiro dia, como a maioria dos alunos não havia ainda cursado a disciplina, foi ministrada uma aula sobre alguns conceitos básicos da arquitetura da paisagem, como composição e diagramas, que serviriam de base ao projeto executivo paisagístico para o jardim da FAU. Logo após, os participantes foram divididos em grupos menores, e todos foram para o jardim desenvolver croquis. Em seguida, ocorreu a votação do croqui, que daria início ao processo projetual paisagístico.

No segundo dia, já com as devidas adaptações para o projeto final, foi iniciada a revitalização do jardim. Os discentes foram divididos em frentes de trabalho para transformar em mudas menores para o plantio as espécies doadas pela coordenadora dos bosques da UFPA. Outro grupo ficou encarregado de trazer os corpos de prova, blocos de cimento e seixos doados pelo curso de Engenharia Civil. Paralelamente, o terceiro grupo ficou escavando a terra, aplicando o adubo e o pó de osso para realimentar o local para o plantio. Finalizando essas atividades, o grupo se uniu para modificar um espaço que é de todos, promovendo o contato com o paisagismo, a sua reapropriação, a reutilização de matérias e a possibilidade de impactar uma paisagem cotidiana respeitando o que já estava construído anteriormente (figura 6).

Figura 6: Jardim Interno da FAU-UFPA: A) Croqui escolhido; B) Antes da revitalização; C) Após a Revitalização.



Foto: Guilherme Dahás, 2023; Luca Porpino, 2023; Luca Porpino, 2023.

3.6 Oficina de paisagismo para aplicação de compostagem

No início do mês de novembro de 2023, foi realizada, a convite de Gina Calzavara, uma oficina para o aprendizado de aplicação de compostagem nos Bougainvilles localizados no Campus da Saúde da UFPA, mais precisamente nos limites do Igarapé Sapucajuba. A vegetação em questão funciona como barreira natural às áreas de solo instável e, simultaneamente, como proteção aos animais e aos transeuntes a contatos que podem provocar danos. Essa barreira natural também evita que o espaço seja utilizado como área de estacionamento. Vale ressaltar que todo

o composto orgânico utilizado na oficina e na adubação recorrente dos cinturões de vegetação é produto das baias de compostagens promovidas também por Calzavara no espaço ITEC Cidadão, como tentativa de redução de produção de resíduos na Universidade.

Como primeira atividade da oficina, houve uma breve explicação sobre a importância do trabalho já realizado na área de ação de plantação dos Bougainvilles. Após isso, foi iniciada a parte prática, a qual teve auxílio não só de Gina Calzavara, mas também de dois servidores da empresa de serviços de manutenção da universidade (figura 7).

Figura 7: Alunos participando da oficina.



Foto: Sebastião Guimarães, 2023.

O processo ocorreu em cinco etapas: I. Coleta dos galhos de bambus que foram utilizados no afastamento da abertura dos camburões de plástico que comportam os Bougainvilles, já que a grande incidência de sol deforma o material plástico do camburão, comprometendo a abertura para manutenção; II. Retirada da camada superficial de folhas de bambu que servem de proteção à retirada ilegal de terra preta já constatada por Calzavara; III. Preparação do solo, por meio da movimentação de terra, para melhor absorção do composto orgânico pelas plantas e, em seguida, ocorreu a aplicação do fertilizante; IV. Após a fertilização, o solo foi umedecido com água de garrafas que ficam à disposição no local para a rega pelos próprios transeuntes; V. Por fim, foi necessário repor a camada de folhas e galhos de bambus.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante do que foi visto, ficou clara a necessidade de uma parceria entre a teoria e a prática na disciplina de Paisagismo na FAU/UFPa. Procurou-se mostrar a viabilidade do ensino-aprendizagem por meio de oficinas em arquitetura da paisagem, na disciplina de Paisagismo, em áreas conhecidas e frequentadas pelos próprios alunos, a fim de torná-los protagonistas, tanto da construção de cada programa de necessidades, quanto autores de propostas projetuais compatíveis com as demandas locais, sem deixar de lado a identidade de cada um desses espaços amazônicos.

Nesse sentido, para o ensino em arquitetura da paisagem, impôs-se, em primeiro lugar, combater ideias preconcebidas dos alunos em relação ao campo disciplinar e profissional em arquitetura da paisagem, visto, frequentemente, como uma atividade restrita à inserção de espécies vegetais no espaço projetado. Para isso, foram necessárias, por exemplo, uma imersão nessa ação projetual e nas escalas e tamanhos; a compreensão de termos como paisagem,



paisagismo e arquitetura da paisagem; o entendimento do panorama geral da história da arquitetura da paisagem; noções básicas de botânica e o entendimento da vegetação como elemento de projeto.

Reconhece-se que as oficinas em arquitetura da paisagem, desenvolvidas ao longo do ano de 2023, validaram na prática, conteúdos desenvolvidos de forma teórica em sala de aula, bem como contribuíram com novos questionamentos e indagações em relação ao campo disciplinar e à atuação profissional em arquitetura da paisagem.

Ademais, foi através desse contexto – levando em consideração o ensino-aprendizagem em sala de aula e nas oficinas em arquitetura da paisagem – que se contemplou o entendimento de conceitos, valores sociais adquiridos ao longo do tempo, necessidades e práticas (internacionais, nacionais, regionais e locais), que ultrapassem uma análise apenas de formas e de aparências.

Da ordem da natureza ao retorno às paisagens amazônicas possibilitou diversos entendimentos, dentre os quais a realização de atividades de oficinas em áreas amazônicas, a partir de suas próprias características, em regiões de mata densa e igarapés. Esses projetos em arquitetura da paisagem foram feitos a partir da realidade encontrada, objetivando a valorização dessa paisagem e também o retorno às funções ambientais primordiais que essas áreas possuíam.

REFERÊNCIAS

DOLLFUS, Olivier. O Espaço Geográfico (Col. Saber Atual, 153). **São Paulo (SP): DIFEL-Difusão Européia do Livro**, 1972.

KATON, Geisly França; TOWATA, Naomi; SAITO, Luis Carlos. A cegueira botânica e o uso de estratégias para o ensino de botânica. **III Botânica no Inverno**, p. 179-82, 2013.

MACEDO, Silvio Soares. **Quadro do paisagismo no Brasil**. São Paulo: FAU/USP, 1999.

NOGUÉ, Joan. **La construcción social del paisaje**. Madrid: Biblioteca Nueva, Colección Paisaje y Teoría, 2007.

MAGALHÃES, Manuel Raposo. **A arquitectura paisagista: morfologia e complexidade**. Lisboa: Ed. Estampa, 2001.

MALAMUT, Marcos. **Paisagismo: projetando espaços livres**. Bahia: Livro.com, 2014.

I FONT, Joan Nogué (Ed.). **El paisaje en la cultura contemporánea**. Madrid: Biblioteca nueva, 2008.

PANZINI, Franco. **Projetar a natureza: arquitetura da paisagem e dos jardins desde as origens até a época contemporânea**. São Paulo: Ed. Senac, 2013.

ROMERO, Marta Adriana Bustos. **Arquitetura bioclimática do espaço público**. Brasília: Ed. Universidade de Brasília, 2001.

SANTOS, Milton. **Metamorfoses do espaço habitado: fundamentos teórico e metodológico da geografia**. São Paulo: Hucitec, 1988.

STEINITZ, Carl. Landscape Planning: A History of Influential Ideas-An eminent landscape planner looks at the key ideas of planners who preceded him. **Landscape architecture**, v. 99, n. 2, p. 74, 2009.